

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM TEATRO – SUBSEQUENTE

I – REQUERIMENTO

Elaborado pelo estabelecimento de ensino para o Secretário de Estado da Educação.

II – IDENTIFICAÇÃO DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO

Indicação do nome do estabelecimento de ensino, de acordo com a vida legal do estabelecimento (VLE).

III - PARECER E RESOLUÇÃO DO CREDENCIAMENTO DA INSTITUIÇÃO

IV – JUSTIFICATIVA

Visando ao aperfeiçoamento em ator cênico e a concepção de uma formação técnica que articule trabalho, cultura, ciência e tecnologia como princípios que devem transversalizar todo o desenvolvimento curricular, a proposta de reformulação do plano de curso teve como eixo orientador a perspectiva de uma formação profissional como constituinte da integralidade do processo educativo.

O Curso Técnico em Teatro, subsequente ao Ensino Médio, vem ao encontro da necessidade da formação do técnico numa perspectiva de totalidade, o que significa recuperar a importância de trabalhar com os alunos os fundamentos das artes, da cultura, da ciência e da tecnologia.

A proposta almeja uma formação na qual a teoria e a prática se relacionam na organização das disciplinas, possibilitando aos alunos compreenderem a realidade em sua concretude. Os conteúdos não têm fins em si mesmos porque se constituem em síntese da apropriação histórica da realidade material e social e cultural pelo homem.

A organização dos conhecimentos, do curso Técnico em Teatro enfatiza a formação humana com a qual o aluno, como sujeito histórico, produz sua existência pelo enfrentamento consciente da realidade dada, produzindo valores de uso,

conhecimentos e cultura por sua ação criativa.

A formação profissional de nível Técnico em Teatro oferece os fundamentos históricos e metodológicos, para o desenvolvimento na atividade de interpretação teatral.

O Curso Técnico em Teatro responde as demandas históricas, sociais e econômicas, concebendo a necessidade de democratizar a arte e a cultura como direitos humanos e constitucionais.

Concebe-se que a produção e fruição da arte e da cultura são elementos fundantes da emancipação humana e social, a partir das quais se estabelece o compromisso com a socialização do conhecimento histórico, ético, estético e social na formação humana, através da própria formação de artistas criadores e da autonomia artística.

V – OBJETIVOS

- Qualificar, instrumentalizar e capacitar tecnicamente atores e atrizes para atuarem profissionalmente no sentido de suprir a formação artística de forma criativa, autônoma, ética e responsável socialmente, contribuindo assim, na geração de trabalho e renda e, conseqüentemente, no desenvolvimento econômico, social, artístico e cultural.
- Formar profissionais capazes de lidar com teorias, conceitos e métodos próprios do Teatro.
- Consolidar o Estado do Paraná como um centro de ensino-aprendizagem, pesquisa e extensão de excelência em Teatro, capaz de promover o conhecimento plural de saberes desenvolvidos nas diversas áreas do Teatro.
- Desenvolver uma proposta de ensino que considere os princípios da interdisciplinaridade, da inclusão social e cultural, da formação continuada e do pluralismo cultural.
- Expandir a vivência teatral e dinamizar as atividades artísticas e a produção cênica local, estadual e nacional.
- Formar um profissional crítico e comprometido ética e socialmente com as questões contemporâneas.
- Formar agentes culturais multiplicadores para agirem em suas comunidades,

favorecendo a transformação do seu grupo social.

- Desenvolver os potenciais de sensibilidade e expressividade artísticas, bem como os conceitos da linguagem cênica, por meio dos processos teóricos e práticos.
- Fortalecer atividades de extensão que possibilitem integração entre os colégios estaduais e a comunidade, pelo intercâmbio dos saberes empíricos e acadêmicos.
- Estimular o desenvolvimento do espírito crítico e construtivo favorecendo a inserção do estudante de teatro no universo da criação, produção e pesquisa teatral.
- Formar cidadãos capazes de participar ativamente da vida da comunidade e de identificar o seu papel como agente intervenção social por meio do fazer artístico.
- Propiciar conhecimentos teórico-práticos amplos para o desenvolvimento de capacidade de análise crítica, de orientação e execução de trabalho na área de criação artística no que tange à preparação corporal e vocal, iluminação, cenografia, sonoplastia, interpretação, caracterização e dramaturgia.
- Propiciar espaços e oportunidades de produção cultural, bem como fruição das produções artísticas regionais e nacionais.
- Promover acesso às leituras e aprofundamento do repertório conceitual de dramaturgos paranaenses, nacionais e estrangeiros, bem como a apropriação dos fundamentos da História do Teatro.
- Oportunizar o aprendizado do “saber-fazer”, através de referências da pedagogia teatral.
- Promover o desenvolvimento atitudinal, procedimental para o fazer coletivo voltado para a alteridade e respeito humano.
- Organizar experiências pedagógicas que levem à formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de intervir de maneira responsável na sociedade em que vivem.
- Oferecer um processo formativo que assegure a integração entre a formação geral e a de caráter profissional de forma a permitir que o conhecimento científico, artístico e tecnológico orientem o fazer técnico.

VI – DADOS GERAIS DO CURSO

Habilitação Profissional: Técnico em Teatro

Eixo Tecnológico: Produção Cultural e Design

Forma: Subsequente

Carga Horária Total do Curso: 1200 horas

Regime de funcionamento: de 2ª a 6ª feira, no (s) período (s): manhã, tarde ou noite

Regime de Matrícula: Semestral

Número de vagas: ____ por turma (Conforme m² - mínimo 30 ou 40)

Requisitos de Acesso: Conclusão do Ensino Médio

Modalidade de Oferta: Presencial

VII - PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Técnico em Teatro domina o conhecimento científico e tecnológico construído historicamente, vislumbrando sua inserção no mundo social e no trabalho de forma crítica, com autonomia intelectual e moral; de modo a lhes permitir o domínio da linguagem teatral, (no campo da expressão vocal e expressão corporal) e de variados métodos da improvisação, da interpretação e treinamento para criação teatral. O Técnico em Teatro, a partir do conhecimento de: construção cênica, iluminação, sonoplastia, caracterização teatral e produção é um profissional preparado para exercer a função de ator, iluminador, sonoplasta, figurinista, reconhecendo, refletindo e agindo sobre a comunidade em que vive.

VIII - ORGANIZAÇÃO CURRICULAR CONTENDO AS INFORMAÇÕES RELATIVAS À ESTRUTURA DO CURSO:

a. Descrição de cada disciplina contendo ementa.

1. EXPRESSÃO CORPORAL

Carga horária: 112h

EMENTA: Busca de compreensão do corpo e seu funcionamento como ferramenta complexa de trabalho de ator. Conhecimento do movimento e suas lógicas organizacionais.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Consciência corporal	<p>1.1. Conhecimentos dos níveis de organização corporal: alinhamento, tensão, respiração, cinestesia, prontidão e energia</p> <p>1.2. Conhecimento da Estrutura e funcionamento motor e sua aplicação sensível</p> <p>1.3. Desenvolvimento da percepção e escuta corporal</p>
2. Preparação corporal	<p>2.1. Conhecimentos das dinâmicas e qualidades do movimento: Ações corporais básicas - (deslizar, flutuar, pontuar, sacudir, pressionar, torcer, socar e chicotear)</p> <p>2.2. Improvisação, jogos e técnicas como fundamentos da criação corporal</p> <p>2.3. Criação da postura do ator – personagem</p> <p>2.4. Pesquisa de estilos e gêneros</p>
3. Historiografia do corpo	<p>3.1. Técnicas de preparação corporal no Brasil e no mundo</p> <p>3.2. História /sociológica do corpo</p> <p>3.3. Análise simbólica do corpo</p>

BIBLIOGRAFIA

- ASLAN, O. **O ator no século XX**. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2010.
- AZEVEDO, S. M. **O papel do corpo no corpo do ator**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BONFITTO, M. **O Ator-compositor: as ações físicas como eixo – de Stanislavski a Barba**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- COHEN, R. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2007
- FERNANDES, C. **O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação**

e pesquisa em artes cênicas. São Paulo: AnnaBlume Editora, 2006.

FERRACINI, R. **Ensaio de atuação**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FLASZEN, L. & POLLASTRELLI, C.(orgs.). **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: UNICAMP, 2004.

KNAPP, M. L. **La comunicación no verbal: el cuerpo y el entorno**. Barcelona: Paidós, 1980.

MOTOS TERUEL T. **Inicição à expressão corporal** (teoria, técnica e prática). Barcelona: Humanitas, 1983.

CARLSON. M. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: UFMG, Editora, 2010.

ROUBINE, Jean-Jacques. **A linguagem da encenação teatral: 1880-1980**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

POMBA, Santiago. **Da expressão corporal/comunicação interpessoal**. Madri: Ed. Narcea. 1985.

STOKOE, Patrícia; HARF, Ruth. **Definição da Expressão Corporal**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1987, cap. I, p. 15-28.

2. FUNDAMENTOS DO TRABALHO

Carga horária: 32h

EMENTA: Reflexão sobre a perspectiva histórica e ontológica do trabalho: O trabalho como condição de sobrevivência e de realização humana. Mudanças no mundo do trabalho, alienação, desemprego, qualificação do trabalho e do trabalhador. A condição do artista diante das mudanças no setor produtivo e cultural; o ator como sujeito político.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Contexto histórico-cultural	1.1. Perspectiva histórica a partir do modo de produção capitalista 1.2. Modos de produção: escravagismo, feudalismo, capitalismo industrial, acumulação flexível (toyotismo) e a precarização das relações de trabalho
2. Trabalho e formação do ator	2.1. O trabalho humano: ação sobre o ambiente, produção de cultura e humanização 2.2. A condição do trabalho e do trabalhador diante da reestruturação do setor produtivo e cultural 2.3. O papel do estado no provimento de direitos: a arte e cultura como direitos fundamentais e constitucionais 2.4. A condição do artista diante das mudanças no setor produtivo e cultural; o ator como sujeito político

BIBLIOGRAFIA

- CHESNAIS, F. **Mundialização do capital**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FROMM, E. **Conceito marxista de homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- GENRO, T. **O futuro por armar**. Democracia e socialismo na era globalitária. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GENTILI, P. A educação para o desemprego. A desintegração da promessa integradora. In. Frigotto, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- JAMESON, F. **A cultura do dinheiro**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Temas de Ciências Humanas. São Paulo: [s.n], 1978.
- HOBSBAWM, E..**A era dos extremos - O Breve Século XX - 1914-1991**. São Paulo:

Editora da UNESP, 1995.

MARTIN, H. P.; SCHUMANN, H. **A armadilha da globalização**: O assalto à democracia e ao bem-estar. São Paulo: Globo, 1996.

NEVES, L.M. W. **Brasil 2000**: nova divisão do trabalho na educação. São Paulo: Xamã, 2000.

NOSELLA, P. Trabalho e educação. In: Frigotto, G. (Org.). **Trabalho e conhecimento**: dilemas na educação trabalhador. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, B. Reinventando a democracia. Entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In: Beller, Agnes et al. **A crise dos paradigmas em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

3. HISTÓRIA DA ARTE

Carga horária: 64h

EMENTA: Estudo das diversas manifestações artísticas do ser humano ao longo da sua história. Os movimentos artísticos e o contexto histórico-social.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Arte na Antiguidade	1.1. Arte na Pré-História 1.2. Arte no Egito 1.3. Arte da civilização egeia 1.4. Arte na Grécia 1.5. Arte em Roma 1.6. Arte cristã primitiva 1.7. Arte bizantina 1.8. Arte na América pré-colombiana
2. Arte da Europa Ocidental	2.1. Arte românica 2.2. Arte gótica 2.3. Renascimento na Itália 2.4. Barroco na Itália e na Espanha 2.5. Romantismo

	2.6. Arte Africana
3. Arte na Modernidade	3.1. Realismo 3.2. Movimento das Artes e Ofícios e o Art Nouveau 3.3. Impressionismo 3.4. Principais movimentos artísticos do século XX 3.5. Arte da sociedade industrial
4. Arte no Brasil	4.1. Arte da Pré-História brasileira 4.2. Arte dos índios brasileiros 4.3. Barroco no Brasil 4.4. Influência da Missão Artística Francesa 4.5. Arte no final do Império e começo da República 4.6. Movimento Modernista 4.7. Arte brasileira contemporânea 4.8. Arquitetura brasileira

BIBLIOGRAFIA

- BRONOWSKI, J. **A escalada do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- CARVALHO, B.de A. **A história da arquitetura**. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1964.
- CAVALCANTI, C.. **História da arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- CHIPPE, H.B. **Teorias da arte moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- COLI, J. **O que é arte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- CONTI, F. **Como reconhecer a arte românica**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- GOMBRICH, E.H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.
- GOZZOLI, Maria Cristina. **Como reconhecer a arte gótica**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- HARPUR, J. WESTWOOD, J **Atlas do extraordinário - Lugares Lendários**. Ediciones Del Prado, 1995.
- JECUPE, K. W. **Terra dos mil povos**. São Paulo: Peirópolis, 1998
- MACRONE, M. **Isso é grego para mim!**. São Paulo: Rotterdam Editores, 1994.
- MANDEL, G.. **Como reconhecer a arte islâmica**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- MORAIS, F. **Panorama das artes plásticas séculos XIX e XX**. São Paulo: Instituto

Itaú Cultural, 1991.

PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PROENÇA, G. **História da arte**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SCATARMACCHIA, M. C.M. **Encontro entre culturas**. São Paulo: Atual Editorial, 1994.

TARELLA, Alda. **Como reconhecer a arte romana**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

4. HISTÓRIA DO TEATRO

Carga horária: 96h

EMENTA: Estudo da história dos teatros mundial e brasileiro enquanto fenômeno histórico, contextualizando linguagens e estéticas teatrais.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Teatro mundial	1.1. Teatro na Antiguidade 1.2. Teatro Medieval 1.3. Renascimento teatral no ocidente 1.4. Teatro Elisabetano 1.5. Teatro Clássico e Barroco Francês: A Commedia dell'Arte 1.6. Século de Ouro 1.7. Teatro do século XX 1.8. Teatro Pós-dramático
2. Teatro brasileiro	2.1. Desenvolvimento da encenação no Brasil 2.2. Teatro no Estado do Paraná

BIBLIOGRAFIA

ASLAN, O. **O ator no séc. XX**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BERTHOLD, M. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização, 1989

CACCIAGLIA, Mário. **Pequena História do Teatro no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

CAFEZEIRO, E. **História Concisa do Teatro no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva; 2000.

FARIA, J R. **História do Teatro Brasileiro**. Volume 1 e 2. São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2013.

GASSNER, J. **Mestres do Teatro I e II**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

GUINSBURG, J. **Da cena em cena**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

HELIODORA, B. **Caminhos do Teatro ocidental**: Barbara Heliodora - 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MAGALDI, S. **Panorama do Teatro Brasileiro**. São Paulo: Ed. Global, 1997.

MAGALDI, S. **Moderna Dramaturgia Brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

OLIVEIRA, C. P R. **Aspectos do Teatro Brasileiro**. São Paulo: Ed. Global, 2001.

PAVIS, Patrice . **Dicionário de Teatro**. 3 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008

ROSENFELD, A. **A arte do teatro**: Aulas de Anatol Rosenfeld (1968). São Paulo: Publifolha, 2009.

ROSENFELD, A. **O teatro épico**. SP. Perspectiva, 2008.

SARAIVA, H. **A evolução estética da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

STANISLAVSKY, C. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização, 1998.

STANISLAVSKY, C. **Manual do Ator**. São Paulo; Martins Fontes, 1997.

Repositório unicentro.br/.../INTRODUÇÃO Á HISTÓRIA DO TEATRO NO OCIDENTE. Dos gregos aos nossos dias. M.C.Cebulski- 2012.

5. ILUMINAÇÃO, CENOGRAFIA E SONOPLASTIA

Carga horária: 96h

EMENTA: O estudo do espaço cênico a partir da iluminação, sonoplastia e cenografia como elementos essenciais na construção da encenação teatral.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Iluminação	1.1. Teoria e prática da iluminação cênica 1.2. Princípios básicos de eletricidade 1.3. Luz na criação do efeito dramático
2. Cenografia	2.1. Teoria e prática da cenografia 2.2. Projeção cênica (maquete): uso e possibilidades de construção cenográfica com materiais alternativos 2.3. Estudo dos aspectos arquitetônicos e cenográficos do lugar teatral, a evolução do espaço cênico e das propostas estéticas 2.4. Conjunto harmonioso entre a cenografia e os demais elementos de composição do espetáculo 2.5. Linguagem visual e os signos teatrais
3. Sonoplastia	3.1. Introdução aos princípios básicos de sonoplastia e sua aplicação cênica 3.2. Construção dos efeitos sonoros 3.3. Estudo dos fundamentos estéticos de sonoplastia com base no texto dramático

BIBLIOGRAFIA

BARBA, E. **Canoa de Papel** - Tratado de Antropologia Teatral. São Paulo: Teatro Caleidoscópio, 2009.

BENJAMIN, W. **Ensaio sobre Brecht**. São Paulo: Boitempo, 2017.

GAULIER, P. **O Atormentador**: minhas ideias sobre teatro. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

GROTOWISKI, J. **Em Busca de um Teatro Pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

LOBO, L. e NAVAS, C. **Teatro do Movimento, um método para o intérprete criador**. Brasília: LGE, 2007.

ROUBINE, J. **A arte do ator**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROUBINE, J. **A Linguagem da Encenação Teatral**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RYNGAERT, J. **Jogar, representar**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

RYNGAERT, J. **Ler o teatro contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SARAIVA, Hamilton. **A evolução estética da iluminação cênica**: Uma introdução. Cadernos de Teatro, número 131 e 132, p. 19. Rio de Janeiro: Editora do Tablado. 1992.

SERRONI, J. C. **Teatros**: uma memória do espaço cênico no Brasil. São Paulo: Senac, 2002.

6. IMPROVISAÇÃO TEATRAL

Carga horária: 112h

EMENTA: Experimentação da improvisação, do jogo teatral e do jogo dramático como procedimentos de trabalho que alargam as possibilidades criativas e a expressão cênica do aluno ator, assim como desenvolvem os elementos estruturais da ação dramática.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Improvisação	1.1. Princípios da Improvisação teatral 1.2. Improvisação de personagens 1.3. Improvisação de cenas
2. Jogos teatrais	2.1. Jogos de integração, de concentração, de Imaginação, de Sensibilidade e Expressividade do ator 2.2. Jogos de percepção do espaço e do outro

BIBLIOGRAFIA

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

BOAL, A.. **O arco-íris do desejo**: método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, A.. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização

BONFITTO, M. **O Ator-compositor: as ações físicas como eixo** – de Stanislavski a Barba. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BURNIER, L. O. **A Arte de Ator: da técnica à representação**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

CHACRA, S. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FERREIRA, T. **A escola no teatro e o teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

GAULIER, P. **O atormentador: Minhas ideias sobre teatro**. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: SESC, 2016

.GROTOWSKI, J. **Para um teatro pobre**. Brasília: Dulcina Editora, 2011.

JAPIASSU, R. O. V. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

JANUZELLI, A. **A aprendizagem do Ator**. São Paulo: Ática, 1992.

____. **A Encenação Contemporânea**. Origens, Tendências, Perspectivas. São Paulo: 2012.

____. **A arte do ator**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

____. **Introdução às grandes teorias do teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

STANISLAVSKI, C. **A Preparação do Ator**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

____. **A Construção do Personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

KOUDELA, I. D. **Texto e jogo: uma didática brechtiana**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

____. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva e EDUSP, 1991.

____. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984 (4 ed. 1998).

____. **Texto e jogo**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ROUBINE, J-J. **A linguagem da encenação teatral: 1880 – 1980**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

____. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2012.

____. **O jogo teatral no livro do diretor**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. São

Paulo: Perspectiva, 2010.

SPRITZER, M. **A formação do ator**: um dialogo de ações. Porto Alegre: Mediação, 2003.

TELLES, N. **Pedagogia do teatro e o teatro de rua**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

7. INDUMENTÁRIA E CARACTERIZAÇÃO

Carga horária: 96h

EMENTA: O estudo da teoria e da prática do figurino, adereços, maquiagem e caracterização do cabelo, para fins de criação de cena, criação de personagens, espetáculos teatrais e performances.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Figurino e Maquiagem	<p>1.1.História do vestuário: da pré-história à Arte Moderna</p> <p>1.2.O traje no teatro, sua evolução e inter-relação com os outros elementos da linguagem cênica: iluminação, espaço cênico, encenação, texto dramático</p> <p>1.3.Concepção e projeto de figurino, segundo a classificação adotada por Marcel Martin e Gerard Betton: Realista, Para-realista e Simbólico</p> <p>1.4.História da maquiagem, sua evolução e inter-relação com os outros elementos da linguagem cênica</p>
2. Caracterização teatral	<p>2.1.Estudo das cores e tecidos</p> <p>2.2. Materiais alternativos: acessórios e/ou adereços</p> <p>2.3. Ambientação cênica</p> <p>2.4. Práticas de caracterização de cabelo e maquiagens</p>

BIBLIOGRAFIA

- BETTON, G. **Estética de Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1987
- BONFITTO, M.. **O Ator Compositor: as ações físicas como eixo: de Stanislavisk a Barba**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- KOHEL, C.. **História do Vestuário**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1993
- LEITE, A e G. L.. **Figurino: uma Experiência na Televisão**. São Paulo: Paz e Guerra, 2002.
- LURIE, A.. **A Linguagem das Roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MUNIZ, R. **Vestindo os nus - O figurino em cena**. São Paulo: Senac, 2004.
- ROCHE, D.. **Cultura das Aparências: Uma História da Indumentária (séculos XVII-XVIII)** São Paulo: SENAC, 2007.
- ROUBINE, J. J. **A Linguagem da Encenação Teatral**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

8. INTERPRETAÇÃO TEATRAL

Carga horária: 96h

EMENTA: Experimentação de exercícios de improvisação e de jogos teatrais para a construção de cenas. Estudo de textos teatrais. Aplicação do corpo, da voz, de técnicas de relaxamento, de respiração, de ritmo, de representação para o palco.

CONTEÚDO(ESTRUTURANTES)	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Encenação	1.1. Contextualização de linguagens e estéticas teatrais 1.2. Relação entre teatro, performance e antropologia; 1.3. Conceito de performance e Práticas performáticas 1.4. Procedimentos e técnicas performáticas 1.5. Relação entre a tecnologia de luz, iluminação, cenografia e áudio visual e a performance teatral 1.6. Teatralidade e performatividade 1.7. Antropologia e teatro

BIBLIOGRAFIA

- ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Max Limonad, 1995.
- ASLAN, Odete. **O ator no século XX**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BARBA, Eugenio. **A canoa de papel**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- AMARAL, A. M. **O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- BARBA, E. **Além das ilhas flutuantes**. Campinas: Unicamp/Hucitec, 1991.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008
- BROOK, P. **O ponto de mudança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- CARVALHO, Ê.. **O que é ator?** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FERREIRA, T. **A escola no teatro e o teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- GROTOWISKY, J. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- GLUSBERG, J. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GOLDBERG, R. **A arte da performance – do futuro ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GUINSBURG, J. **Da Cena em Cena**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- JAPIASSU, R. O. V. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- KOUDELA, I. D. **Texto e Jogo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- _____. **O jogo teatral no livro do diretor**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SPRITZER, Mirna. **A formação do ator: um dialogo de ações**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- TELLES, N. **Pedagogia do teatro e o teatro de rua**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- VIRMAUX, Alain. **Artoud e o Teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

9. LABORATÓRIO DE MONTAGEM TEATRAL

Carga horária: 144h

EMENTA: Procedimentos basilares para construção de espetáculo: preparação corporal e vocal; jogos e ou treinamento; estudo de linguagem do espetáculo pretendido; análise de texto a ser montado; embasamento teórico e prático devidamente referenciado, buscando trabalhar com clássicos e ou referências reconhecidas mundialmente ou nacionalmente.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Organização e produção	1.1. Fundamentos para a montagem teatral 1.2. Experimentação da composição cênica a partir do trabalho com diferentes estéticas 1.3. Partitura Cênica - composição e organização das cenas; ensaios
2. Composição	2.1. Interpretação 2.2. Caracterização 2.3. Cenografia 2.4. Iluminação 2.5. Sonoplastia

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, A. M. **O ator e seus duplos:** máscaras, bonecos, objetos. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo.** São Paulo: Max Limonad, 1995.

ASLAN, Odete. **O ator no século XX.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

BARBA, E. **A canoa de papel.** São Paulo: Hucitec, 1993.

BARBA, E. SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator:** dicionário de antropologia teatral. São Paulo: Hucitec; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995

BARBA, E. **Além das ilhas flutuantes.** Campinas: Unicamp/Hucitec, 1991.

BELTRAME, V. N. **Teatro de bonecos:** distintos olhares sobre teoria e prática. Florianópolis: UDESC, 2008.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

2008.

BROOK, Peter. **O ponto de mudança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

CARVALHO, Ê. **O que e ator?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

DORMIEN K. I. **Texto e Jogo**. Editora Perspectiva, 2001.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERNANDES, Sílvia. **Grupos Teatrais – Anos 70**. São Paulo: Unicamp, 2000.

FERRACINI, Renato. **Ensaio de atuação**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FERREIRA, T. **A escola no teatro e o teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

GROTOWISKY, J. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

GUINSBURG, J. **Da cena em cena**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

____. **A Criação do Papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

JAPIASSU, R. O. V. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

SPRITZER, M. **A formação do ator: um dialogo de ações**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

TELLES, N.. **Pedagogia do teatro e o teatro de rua**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

VIRMAUX, Alain. **Artaud e o Teatro**. Editora Perspectiva, 2001.

10. LITERATURA DRAMÁTICA

Carga horária: 64h

EMENTA: Análise dos principais gêneros literários da dramaturgia teatral. Compreensão e crítica de peças teatrais.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Discurso	1.1. Importância da literatura dramática na formação do ator 1.2. Leitura crítica de peças teatrais 1.3. Gêneros teatrais 1.4. Semântica e estilística do repertório escolhido 1.5. O discurso teatral 1.6. Leituras dirigidas, análise e interpretação

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959

PALLOTINI, R. **Introdução à dramaturgia**. São Paulo: Ática, 1998.

ROUBINE, J-J. **A linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RYNGAERT, J-P. **Introdução à análise do teatro**. São Paulo. Martins Fontes: 1999.

SARAIVA, A. J. **Gil Vicente e o fim do teatro medieval**. São Paulo: Publicações Europa-América, 1970

UBERSFELD, A. **Para ler o teatro**. São Paulo. Perspectiva: 2005.

11. ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO TEATRAL

Carga horária: 32h

EMENTA: Compreensão do fazer teatral na dimensão política cultural, artística e legislativa; Estudo da legislação da profissão teatral; estudo do planejamento, orçamento e demais elementos que compõem a produção cênica.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Políticas públicas e legislação	1.1. Conceitos de cultura 1.2. Legislação do ator 1.3. Leis de incentivo 1.4. Direitos Autorais 1.5. Noções básicas da Produção Teatral 1.6. Sindicatos
2. Produção teatral	2.1. Normas e procedimentos para elaboração de projetos

BIBLIOGRAFIA

BELGADO, M M. **Diálogos no Plano: vinte e seis diretores falam de Teatro.** 1999. Abril/1999, Editora Abril. (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 12).

CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia.** 2ª ed. Coleção Cultura é o que? Vol. I. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

MEICHES, M. **Sobre o trabalho do ator** . São Paulo: Editora Objetiva; 1999.

ROUBINE, Jean-Jacques. **A Linguagem da Encenação Teatral.** São Paulo: Perspectiva; 1998.

SILVA, A da S. **Oficina: do teatro ao te-ato.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

Lei 6.533 de 24 de maio de 1978, Governo Federal, Presidência da República.

Manual de Apoio à Elaboração de Projetos de Democratização Cultural - Votorantim, 2008.

Manual de Projetos Culturais do Governo da Bahia, 2008; DIREÇÃO TEATRAL, 3ª Edição, 1997.

12. PRÁTICA DE INTERPRETAÇÃO TEATRAL

Carga horária: 160h

EMENTA: Desenvolvimento da sensibilidade, observação, imaginação, disponibilidade, prontidão, memória, corpo, voz e inteligência do ator para as

diversas possibilidades estéticas do fazer teatral aliadas à teoria da interpretação teatral.

CONTEÚDO (ESTRUTURANTES)	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Ferramentas de trabalho do ator	1.1. Jogos teatrais de criação, integração, percepção, concentração, imaginação, sensibilidade e expressividade do ator; 1.2. Jogos de encenação; 1.3. Memorização, composição vocal, corporal e gestual (individual e coletiva);

BIBLIOGRAFIA

BARBA, Eugenio. **A canoa de papel**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BARBA, E. **Além das ilhas flutuantes**. Campinas: Unicamp/Hucitec, 1991.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

GLUSBERG, J. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GOLDBERG, R. **A arte da performance – do futuro ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUINSBURG, J. **Da Cena em Cena**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

_____. **O jogo teatral no livro do diretor**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2010.

13. TÉCNICAS DE EXPRESSÃO VOCAL

Carga horária: 96h

EMENTA: Aplicação da voz como ferramenta artística para melhor compreensão do trabalho do ator na sua totalidade.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Aparelho fonador	1.1. Elementos de anatomia e fisiologia do aparelho fonador
2. Expressão vocal	2.1. Técnica vocal: respiração, emissão, articulação e impostação 2.2. Expressão da voz não-verbal e verbal; Timbre, tonalidade, conscientização da voz e exercícios dirigidos 2.3. Vocalizes 2.4. Conscientização do uso da voz como instrumento musical

BIBLIOGRAFIA

BEUTTENMULLER, Glorinha. **Expressão vocal e corporal**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

CASCARDO, Ana. BERALDO, Dóris. **Guia Teórico Prático da Voz**. Curitiba: Gramofone+Cultural. 2008.

DELLANO, Cris. **Mais que nunca é preciso cantar**. Noções Básicas, Teóricas e Práticas de Canto. São Paulo: Irmãos Vitale, 2009.

GAYOTTO, Lucia Helena. **Voz partitura da ação**. São Paulo: Editora Summus, 2002.

QUINTEIRO, E. A. **Estética da voz**. São Bernardo do Campo: Editora Plexus, 2007.

b. Plano de Estágio NÃO OBRIGATÓRIO com Ato de Aprovação do NRE

1. Identificação da Instituição de Ensino
 - Nome do estabelecimento:
 - Entidade mantenedora:
 - Endereço (rua, nº., bairro):
 - Município:
 - NRE:

2. Identificação do curso

- Habilitação:
- Eixo Tecnológico:
- Carga horária total:
- Do curso: _____ horas
- Do estágio: _____ horas

3. Coordenação de Estágio

- Nome do professor (es):
- Ano letivo:

4. Justificativa

- Concepções (educação profissional, curso, currículo, estágio)
- Inserção do aluno no mundo do trabalho
- Importância do estágio como um dos elementos constituintes de sua formação
- O que distingue o estágio das demais disciplinas e outros elementos que justifiquem a realização do estágio

5. Objetivos do Estágio

6. Local (ais) de realização do Estágio

7. Distribuição da Carga Horária (por semestre, período...)

8. Atividades do Estágio

9. Atribuições do Estabelecimento de Ensino

10. Atribuições do Coordenador

11. Atribuições do Órgão/instituição que concede o Estágio

12. Atribuições do Estagiário

13. Forma de acompanhamento do Estágio

14. Avaliação do Estágio

15. Anexos (se houver)

* O Plano de Estágio dos estabelecimentos de ensino que ofertam Cursos

Técnicos deve ser analisado pelo Núcleo Regional de Educação que emitirá parecer próprio (Ofício Circular nº 047/2004 – DEP/SEED e Instrução nº 028/2010 – SUED/SEED).

c. Descrição das práticas profissionais previstas

Descrever as práticas que a instituição de ensino desenvolve em relação ao curso, tais como: apresentações, palestras, visitas, seminários, projetos, projetos interdisciplinares e outros.

d. Matriz Curricular

MATRIZ CURRICULAR PADRÃO

ESTABELECIMENTO:						
MUNICÍPIO:						
CURSO: TÉCNICO EM TEATRO						
FORMA: SUBSEQUENTE				IMPLANTAÇÃO:		
TURNO:				CARGA HORÁRIA:		
ORGANIZAÇÃO: SEMESTRAL						
N.	COD. SAE	DISCIPLINA	SEMESTRE			HORAS
			1º	2º	3º	
1	2511	EXPRESSÃO CORPORAL	48	32	32	112
2	3514	FUNDAMENTOS DO TRABALHO	32			32
3	714	HISTÓRIA DA ARTE	32	32		64
4	2504	HISTÓRIA DO TEATRO	48	48		96
5	2524	ILUMINAÇÃO, CENOGRAFIA E SONOPLASTIA	32	32	32	96
6	2525	IMPROVISÇÃO TEATRAL	32	32	48	112
7	2526	INDUMENTÁRIA E CARACTERIZAÇÃO	32	32	32	96
8	2527	INTERPRETAÇÃO TEATRAL	32	32	32	96
9	2528	LABORATÓRIO DE MONTAGEM TEATRAL		48	96	144
10	2508	LITERATURA DRAMÁTICA	32	32		64
11	2529	ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO TEATRAL			32	32
12	2616	PRÁTICA DA INTERPRETAÇÃO TEATRAL	48	48	64	160
13	2517	TÉCNICAS DE EXPRESSÃO VOCAL	32	32	32	96
TOTAL			400	400	400	1200

MATRIZ CURRICULAR OPERACIONAL

ESTABELECIMENTO:									
MUNICÍPIO:									
CURSO: TÉCNICO EM TEATRO									
FORMA: SUBSEQUENTE					IMPLANTAÇÃO:				
TURNO:					CARGA HORÁRIA: 1200				
ORGANIZAÇÃO: SEMESTRAL									
N.	COD. SAE	DISCIPLINA	SEMESTRE						HORAS
			1º		2º		3º		
			T	P	T	P	T	P	
1	2511	EXPRESSÃO CORPORAL	1	2	1	1	1	1	112
2	3514	FUNDAMENTOS DO TRABALHO	-	-	-	-	2	-	32
3	714	HISTÓRIA DA ARTE	2	-	2	-	-	-	64
4	2504	HISTÓRIA DO TEATRO	3	-	3	-	-	-	96
5	2524	ILUMINAÇÃO, CENOGRAFIA E SONOPLASTIA	1	1	-	2	-	2	96
6	2525	IMPROVISACÃO TEATRAL	-	2	-	2	-	3	112
7	2526	INDUMENTÁRIA E CARACTERIZAÇÃO	1	1	1	1	1	1	96
8	2527	INTERPRETAÇÃO TEATRAL	2	-	2	-	2	-	96
9	2528	LABORATÓRIO DE MONTAGEM TEATRAL	1	1	1	2	1	3	144
10	2508	LITERATURA DRAMÁTICA	2	-	2	-	-	-	64
11	2529	ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO TEATRAL	-	-	-	-	2	-	32
12	2616	PRÁTICA DA INTERPRETAÇÃO TEATRAL	-	3	-	3	-	4	160
13	2517	TÉCNICAS DE EXPRESSÃO VOCAL	1	1	1	1	1	1	96
TOTAL			25		25		25		1200

e. Orientações metodológicas

1 INTRODUÇÃO

Tomando como referência as “Diretrizes Curriculares da Educação Profissional para a Rede Pública do Paraná”, é importante apresentar os encaminhamentos metodológicos como parte integrante do Plano de curso **Técnico em Teatro** para organização das práticas pedagógicas a serem desenvolvidas ao longo do curso.

Considerando que as ações pedagógicas dos professores de acordo com as Diretrizes supracitadas objetivam atender as necessidades dos estudantes, tendo em vista o perfil profissional, o compromisso com a formação profissional e da cidadania, a apropriação dos conhecimentos, a reflexão crítica e a autonomia, faz-se necessário assumir a concepção da Educação Profissional e seus princípios:

O trabalho como princípio educativo

O trabalho enquanto categoria ontológica explica que o homem é diferente dos outros animais, pois é por meio da ação consciente do trabalho, que o homem é capaz de criar a sua própria existência. Portanto, é na relação Homem-Homem e Homem-Natureza, que se situa a compreensão da escola politécnica na Educação Profissional.

A organização curricular integrada da Educação Profissional, considerando a categoria do TRABALHO, agrega como elementos integradores a CIÊNCIA, a CULTURA e a TECNOLOGIA, pois a:

- CIÊNCIA é produção de conhecimentos sistematizados social e historicamente pelo homem.
- CULTURA, o processo dinâmico de criação e representações sociais manifestas pelo homem por meio de símbolos.
- TECNOLOGIA, a construção social que decorre das relações sociais, ou seja, das organizações políticas e econômicas da sociedade. A tecnologia é

“mediação entre ciência (apreensão e desvelamento do real) e produção (intervenção) no real”. (RAMOS, 2004; 2005 apud BRASIL, 2007, p. 44).

Essas dimensões articuladas devem promover o equilíbrio entre atuar praticamente e trabalhar intelectualmente.

Assim, o tratamento metodológico deve privilegiar a relação entre teoria e a prática e entre a parte e a totalidade, fazendo com que haja integração entre os conteúdos nas dimensões disciplinar e interdisciplinar.

O princípio da integração

A integração é o princípio norteador da práxis pedagógica na Educação Profissional e articula as dimensões disciplinar e interdisciplinar. Disciplinar significa os campos do conhecimento que podemos reconhecê-los como sendo os conteúdos que estruturam o currículo – conteúdos estruturantes.

As disciplinas, por sua vez, são os pressupostos para a interdisciplinaridade, na medida em que as relações que se estabelecem por meio dos conceitos da relação teoria e prática extrapolam os muros da escola e, permitem ao estudante a compreensão da realidade e dos fenômenos inerentes a ela para além das aparências:

A interdisciplinaridade, como método, é a reconstituição da totalidade pela relação entre os conceitos originados a partir de distintos recortes da realidade; isto é, dos diversos campos da ciência representados em disciplinas. (RAMOS, 2007)

Assim, os encaminhamentos metodológicos exigem uma organização dos conteúdos que permita aos estudantes se apropriarem dos conceitos fundamentais das disciplinas no contexto da interdisciplinaridade e da integração.

2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Os encaminhamentos metodológicos devem considerar os princípios e concepção do ensino médio integrado, na perspectiva de garantir uma formação

politécnica aos estudantes da Educação Profissional.

A politecnia nesse contexto significa dominar os princípios da ciência e as suas diferentes técnicas, no contexto do processo produtivo – TRABALHO, e não no seu sentido restrito do conjunto de muitas técnicas.

Nesse sentido, a intervenção do professor por meio do ato de ensinar deve ser intencional na medida em que ele se compromete com uma educação de qualidade e uma formação profissional para o mundo do trabalho. Assim, é importante ressaltar também o papel da escola e, para tanto, o reafirmamos com Libâneo:

[...] a escola tem, pois o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a provida pela escolarização. Junto a isso tem também o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos presentes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade (LIBÂNEO, 1998, p. 9)

Os conteúdos aqui mencionados não são quaisquer conteúdos, trata-se dos “conhecimentos construídos historicamente e que se constituem, para o trabalhador, em pressupostos a partir dos quais se podem construir novos conhecimentos no processo investigativo e compreensão do real.” (RAMOS, 2005, p.107).

Portanto, como **encaminhamentos metodológicos** indicam-se as proposições apontadas por Marise Ramos:

a) Problematização dos Fenômenos

Trata-se de usar a metodologia da problematização, no sentido de desafiar os estudantes a refletirem sobre a realidade que os cerca na perspectiva de buscar soluções criativas e originais para os problemas que se apresentam a respeito dessa realidade:

*Problematizar fenômenos – fatos e situações significativas e relevantes para compreendermos o mundo em que vivemos, bem como processos tecnológicos da área profissional para a qual se pretende formar [...] **como ação prática.***

Isso significa:

- Elaborar questões sobre os fenômenos, fatos e situações.
- Responder às questões elaboradas à luz das teorias e conceitos já formulados sobre o(s) objeto(s) estudados – conteúdo de ensino.

b) Explicitação de Teorias e Conceitos

A partir de uma situação problema indicada para reflexão, análise e solução, deixar claro para os estudantes quais conceitos e quais teorias dão suporte para a apreensão da realidade a ser estudada:

Explicitar teorias e conceitos fundamentais para a compreensão do(s) objetivo(s) estudados nas diversas perspectivas em que foi problematizada.

Nesse sentido, é importante:

- Localizá-los nos respectivos campos da ciência (áreas do conhecimento, disciplinas científicas e/ou profissionais).
- Identificar suas relações com outros conceitos do mesmo campo (disciplinaridade) e de campos distintos do saber (interdisciplinaridade).

c) Classificação dos Conceitos–Conhecimentos

Os “conhecimentos desenvolvidos na perspectiva da sua utilização pelas pessoas são de **formação geral** e fundamentam quaisquer **conhecimentos específicos** desenvolvidos com o objetivo de formar profissionais”.

Situar os conceitos como conhecimentos de formação geral e específica, tendo como referência a base científica dos conceitos e sua apropriação tecnológica, social e cultural.

Nessa dimensão, estarão os conhecimentos que, uma vez apropriados, permitem às pessoas formularem, agirem, decidirem frente a situações próprias de um processo produtivo. Esses conhecimentos correspondem a desdobramentos e aprofundamentos conceituais restritos em suas finalidades e aplicações, bem como as técnicas procedimentais necessárias à ação em situações próprias a essas finalidades.

d) Organização dos Componentes Curriculares e as Práticas Pedagógicas

As opções pedagógicas implicam em redefinir os processos de ensino, pensando no sujeito que aprende (estudante) de modo a considerar a realidade objetiva (totalidade histórica).

Organizar os componentes curriculares e as práticas pedagógicas, visando a corresponder, nas escolhas, nas relações e nas realizações, ao pressuposto da totalidade do real como síntese das múltiplas determinações.

São ações pedagógicas no contexto dos processos de ensino:

- *Proposições de desafios e problemas.*
- *Projetos que envolvam os estudantes, no sentido de apresentar ações resolutivas – projetos de intervenção.*
- *Pesquisas e estudos de situações na perspectiva de atuação direta na realidade.*

Os pressupostos que dão suporte ao currículo ancorado nos encaminhamentos metodológicos apresentados, de fato, se diferenciam de um currículo que tem como referência a reprodução de atividades na perspectiva do currículo tradicional que cinde com o princípio da integração. (RAMOS, 2005, p.122)

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação especial. In: **Revista brasileira de educação**

profissional e tecnológica. Brasília: MEC, SETEC, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da educação profissional:** fundamentos políticos e pedagógicos. Curitiba: SEED/PR, 2006.

_____. **Orientações curriculares para o curso de formação de docentes da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, em nível médio na modalidade normal.** Curitiba: SEED/ PR, 2014.

RAMOS, Marise Nogueira. O projeto de ensino médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura. In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. **Ensino Médio:** ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

_____. (org.) **Ensino médio integrado:** concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. (org.) **Ensino médio integrado:** concepção e contradições. Concepção do Ensino Médio Integrado, São Paulo, 2007. Disponível em:
< http://www.iiep.org.br/curriculo_integrado.pdf>. Acesso em 20/07/2015.

IX – SISTEMA DE AVALIAÇÃO E CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS, COMPETÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

1.1 DA CONCEPÇÃO

Os pressupostos apontados pela legislação indicam uma concepção de avaliação ancorada nos princípios da educação politécnica e omnilateral, que considera o sujeito da aprendizagem um ser histórico e social, capaz de intervir na realidade por meio dos conhecimentos apropriados no seu percurso formativo.

Sendo assim, se a Educação Profissional se pauta no princípio da integração, não se pode e não se deve avaliar os estudantes de forma compartimentalizada. Formação integral significa pensar o sujeito da aprendizagem “por inteiro”, portanto avaliação contextualizada na perspectiva da unidade entre o planejamento e a realização do planejado. Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem é parte integrante da prática educativa social.

Além do princípio da integração, a avaliação da aprendizagem nessa concepção, ancora-se também nos princípios do TRABALHO, numa perspectiva criadora ao possibilitar o homem trabalhar com o novo, construir, reconstruir, reinventar, combinar, assumir riscos, após avaliar, e, da CULTURA, pois adquire um significado cultural na mediação entre educação e cultura, quando se refere aos valores culturais e à maneira como são aceitos pela sociedade.

A sociedade não se faz por leis. Faz-se com homens e com ciência. A sociedade nova cria-se por intencionalidade e não pelo somatório de improvisos individuais. E nessa intencionalidade acentua-se a questão: A escola está em crise porque a sociedade está em crise. Para entender a crise da escola, temos que entender a crise da sociedade. E para se entender a crise da sociedade tem-se que entender da sociedade não apenas de rendimento do aluno em sala de aula. Expandem-se, assim, as fronteiras de exigência para os homens, para os professores; caso os mesmos queiram dar objetivos sociais, transformadores à educação, ao ensino, à escola, à avaliação. (NAGEL, 1985, p. 30)

Nessa perspectiva, a avaliação revela o seu sentido pedagógico, ou seja,

revela os resultados das ações presentes, as possibilidades das ações do futuro e as práticas que precisam ser transformadas.

1.2 DAS DIMENSÕES

A partir da concepção de avaliação anteriormente apresentada, decorrem as práticas pedagógicas, em uma perspectiva de transformação, onde as ações dos professores não podem ser inconscientes e irrefletidas, mas transparentes e intencionais. Nesse sentido, apresentam-se as três dimensões da avaliação que atendem esses pressupostos:

a) **Diagnóstica**

Nessa concepção de avaliação, os aspectos qualitativos da aprendizagem predominam sobre os aspectos quantitativos, ou seja, o importante é o diagnóstico voltado para as dificuldades que os estudantes apresentam no percurso da sua aprendizagem. Nesse sentido, é importante lembrar que o diagnóstico deve desconsiderar os objetivos propostos, metodologias e procedimentos didáticos.

A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista a tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. (LUCKESI, 1995, p. 81)

Nesse sentido, considerando a principal função da escola que é ensinar e, os estudantes aprenderem o que se ensina, a principal função da avaliação é, nesse contexto, apontar/indicar para o professor as condições de apropriação dos conteúdos em que os estudantes se encontram – diagnóstico.

De acordo com a Deliberação nº 07/99 – CEE/PR:

Art. 1º. - a avaliação deve ser entendida como um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem e de seu próprio trabalho, com as finalidades de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, bem como diagnosticar seus resultados e atribuir-lhes valor.

§ 1º. - a avaliação deve dar condições para que seja possível ao professor tomar decisões quanto ao aperfeiçoamento das situações de aprendizagem.

§ 2º. - a avaliação deve proporcionar dados que permitam ao estabelecimento de ensino promover a reformulação do currículo com

adequação dos conteúdos e métodos de ensino.

§ 3º. - a avaliação deve possibilitar novas alternativas para o planejamento do estabelecimento de ensino e do sistema de ensino como um todo. (PARANÁ, 1999, p. 01).

Dessa forma, o professor, diante do diagnóstico apresentado, terá condições de reorganizar os conteúdos e as suas ações metodológicas, caso os estudantes não estejam aprendendo.

b) Formativa

A dimensão formativa da avaliação se articula com as outras dimensões. Nesse sentido, ela é formativa na medida em que, na perspectiva da concepção integradora de educação, da formação politécnica também integra os processos de formação omnilateral, pois aponta para um aperfeiçoamento desses processos formativos seja para a vida, seja para o mundo do trabalho. Essa é a essência da avaliação formativa.

Os pressupostos colocados pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, já referenciada, indica uma concepção de educação ancorada no materialismo histórico. Isso significa que a avaliação também agrega essa concepção na medida em que objetiva que a formação dos estudantes incorpore as dimensões éticas e de cidadania. Assim, “o professor da Educação Profissional deve ser capaz de permitir que seus alunos compreendam, de forma reflexiva e crítica, os mundos do trabalho, dos objetos e dos sistemas tecnológicos dentro dos quais estes evoluem”. (MACHADO, 2008, p. 18).

Nesse caso, a avaliação de caráter formativo permite aos professores a reflexão sobre as suas ações pedagógicas e, nesse processo formativo, replanejá-las e reorganizá-las na perspectiva da inclusão, quando acolhe os estudantes com as suas dificuldades e limitações e aponta os caminhos de superação, em um “ato amoroso”. (LUCKESI, 1999, p.168).

c) Somativa

O significado e a proposta da avaliação somativa é o de fazer um balanço do percurso da formação dos estudantes, diferentemente do modelo tradicional de caráter classificatório. O objetivo não é o de mensurar os conhecimentos

apropriados, mas avaliar os itinerários formativos, na perspectiva de intervenções pedagógicas para a superação de dificuldades e avanços no processo.

Apesar de a terminologia somativa dar a ideia de “soma das partes”, na concepção de avaliação aqui apresentada, significa que, no processo avaliativo o professor deverá considerar as produções dos estudantes realizadas diariamente por meio de instrumentos e estratégias diversificadas e, o mais importante, manter a integração com os conteúdos trabalhados – critérios de avaliação.

É importante ressaltar que a legislação vigente – Deliberação 07/99-CEE/PR, traz no seu artigo 6º, parágrafos 1º e 2º, o seguinte:

Art. 6º - Para que a avaliação cumpra sua finalidade educativa, deverá ser contínua, permanente e cumulativa.

§ 1º – A avaliação deverá obedecer à ordenação e à sequência do ensino aprendizagem, bem como a orientação do currículo.

§ 2º – Na avaliação deverão ser considerados os resultados obtidos durante o período letivo, num processo contínuo cujo resultado final venha incorporá-los, expressando a totalidade do aproveitamento escolar, tomando a sua melhor forma.

O envolvimento dos estudantes no processo de avaliação da sua aprendizagem é fundamental. Nesse sentido, a autoavaliação é um processo muito bem aceito no percurso da avaliação diagnóstica, formativa e somativa. Nele, os estudantes refletem sobre suas aprendizagens e têm condições de nelas interferirem.

1.3 DOS CRITÉRIOS

Critério no sentido restrito da palavra que dizer aquilo que serve de base para a comparação, julgamento ou apreciação. No entanto, no processo de avaliação da aprendizagem significa os princípios que servem de base para avaliar a qualidade do ensino. Assim, os critérios estão estritamente integrados aos conteúdos.

Para cada conteúdo elencado, o professor deve ter a clareza do que efetivamente deve ser trabalhado. Isso exige um planejamento cuja organização contemple todas as atividades, todas as etapas do trabalho docente e dos estudantes, ou seja, em uma decisão conjunta todos os envolvidos com o ato de educar apontem, nesse processo, o que ensinar, para que ensinar e como ensinar.

Portanto, estabelecer critérios articulados aos conteúdos pertinentes às disciplinas é essencial para a definição dos instrumentos avaliativos a serem utilizados no processo ensino e aprendizagem. Logo, estão critérios e instrumentos intimamente ligados e deve expressar no Plano de Trabalho Docente a concepção de avaliação na perspectiva formativa e transformadora.

1.4 DOS INSTRUMENTOS

Os instrumentos avaliativos são as formas que os professores utilizam no sentido de proporcionar a manifestação dos estudantes quanto a sua aprendizagem. Segundo LUCKESI (1995, p.177, 178,179), devem-se ter alguns cuidados na operacionalização desses instrumentos, quais sejam:

ter ciência de que, por meio dos instrumentos de avaliação da aprendizagem, estamos solicitando ao educando que manifeste a sua intimidade (seu modo de aprender, sua aprendizagem, sua capacidade de raciocinar, de poetizar, de criar estórias, seu modo de entender e de viver, etc.);

construir os instrumentos de coleta de dados para a avaliação (sejam eles quais forem), com atenção aos seguintes pontos:

2. articular o instrumento com os conteúdos planejados, ensinados e aprendidos pelos educandos, no decorrer do período escolar que se toma para avaliar;
 3. cobrir uma amostra significativa de todos os conteúdos ensinados e aprendidos de fato “- conteúdos essenciais;
 4. compatibilizar as habilidades (motoras, mentais, imaginativas...) do instrumento de avaliação com as habilidades trabalhadas e desenvolvidas na prática do ensino aprendizagem;
 5. compatibilizar os níveis de dificuldade do que está sendo avaliado com os níveis de dificuldade do que foi ensinado e aprendido;
 6. usar uma linguagem clara e compreensível, para salientar o que se deseja pedir. Sem confundir a compreensão do educando no instrumento de avaliação;
 7. construir instrumentos que auxiliem a aprendizagem dos educandos, seja pela demonstração da essencialidade dos conteúdos, seja pelos exercícios inteligentes, ou pelos aprofundamentos cognitivos propostos.
- [...] estarmos atentos ao processo de correção e devolução dos instrumentos de avaliação da aprendizagem escolar aos educandos:
- a) quanto à correção: não fazer espalhafato com cores berrantes;
 - b) quanto à devolução dos resultados: o professor deve, pessoalmente, devolver os instrumentos de avaliação de aprendizagem aos educandos, comentando-os, auxiliando-os a se autocompreender em seu processo pessoal de estudo, aprendizagem e desenvolvimento.

1.5 DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO

Em atendimento às Diretrizes para Educação Profissional, definidas pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, conforme o artigo 34 a seguir:

A avaliação da aprendizagem dos estudantes visa à sua progressão para o alcance do perfil profissional de conclusão, sendo contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, bem como dos resultados ao longo do processo sobre os de eventuais provas finais. (MEC, 2012.)

Diante do exposto, a avaliação será entendida como um dos aspectos de ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem dos estudantes e das suas ações pedagógicas, com as finalidades de acompanhar, diagnosticar e aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem em diferentes situações metodológicas.

A avaliação será expressa por notas, sendo a mínima para aprovação – 6,0 (seis vírgula zero), conforme a legislação vigente.

Recuperação de Estudos

De acordo com a legislação vigente, o aluno cujo aproveitamento escolar for insuficiente será submetido à recuperação de estudos de forma concomitante ao período letivo.

1.6 DO APROVEITAMENTO DE ESTUDOS (somente no subsequente)

a) Critérios

O aproveitamento de conhecimentos e experiências anteriores deverá constar no Projeto Político-Pedagógico e no Regimento Escolar e ocorrerá nos termos do art. 52 da Deliberação nº 05/13 – CEE/PR, que assim determina:

Art. 52. A instituição de ensino poderá aproveitar estudos, mediante avaliação de competências, conhecimentos e experiências anteriores, desde que diretamente relacionados com o perfil profissional de conclusão do respectivo Curso Técnico de Nível Médio e tenham sido adquiridos: I – no Ensino Médio; II – em habilitações profissionais e etapas ou módulos em nível técnico regularmente concluídos nos últimos cinco anos em outros

cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio; III – em cursos destinados à formação inicial e continuada ou qualificação profissional de, no mínimo, 160 horas de duração, mediante avaliação específica; IV – em outros cursos de Educação profissional e Tecnológica, inclusive no trabalho, por outros meios informais ou até mesmo em cursos superiores de graduação, mediante avaliação do estudante; V – por reconhecimento, em processos formais de certificação profissional, realizado em instituição devidamente credenciada pelo órgão normativo do respectivo sistema de ensino ou no âmbito de sistemas nacionais de certificação profissional; VI – em outros países. Parágrafo único. A Avaliação, para fins de aproveitamento de estudos será realizada conforme critérios estabelecidos no Projeto Político-Pedagógico, no Plano de Curso e no Regimento Escolar.

b) Solicitação e Avaliação (deverá estar aprovado no Regimento Escolar):

- O interessado deverá solicitar o aproveitamento de estudos mediante preenchimento de requerimento na Instituição de Ensino em que estiver matriculado, considerando o perfil profissional do respectivo curso técnico de nível médio e a indicação dos cursos realizados, anexando fotocópia de comprovação de todos os cursos ou conhecimentos adquiridos.
- A direção da Instituição de Ensino deverá designar uma comissão de professores, do curso técnico, para análise da documentação apresentada pelo aluno e, posterior, emissão de parecer.
- Havendo deferimento, a comissão indicará os conteúdos (disciplinas) que deverão ser estudados pelo aluno a fim de realizar a avaliação, com data, hora marcada e professores escalados para aplicação e correção.
- Para efetivação da legalidade do aproveitamento de estudos será lavrada ata constando o resultado final da avaliação e os conteúdos aproveitados, na forma legal e pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 06/2012**. Brasília: MEC, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

NAGEL, Lizia Helena. **Avaliação, sociedade e escola: fundamentos para reflexão**.

Curitiba, Secretaria de Estado da Educação-SEED/PR, 1985.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação 07/1999**. Curitiba: CEE-PR, 1999.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da educação profissional: fundamentos políticos e pedagógicos**. Curitiba: SEED/ PR, 2006.

X – ARTICULAÇÃO COM O SETOR PRODUTIVO

A articulação com o setor produtivo estabelecerá uma relação entre o estabelecimento de ensino e instituições que tenham relação com o Curso Técnico em Teatro, nas formas de entrevistas, visitas, palestras, reuniões com temas específicos com profissionais das Instituições conveniadas.

Anexar os termos de convênio firmados com empresas e outras instituições vinculadas ao curso.

XI – PLANO DE AVALIAÇÃO DO CURSO

O Curso será avaliado com instrumentos específicos, construídos pelo apoio pedagógico do estabelecimento de ensino para serem respondidos (amostragem de metade mais um) por alunos, professores, pais de alunos, representante(s) da comunidade, conselho escolar, APMF.

Os resultados tabulados serão divulgados, com alternativas para solução.

XII – INDICAÇÃO DO COORDENADOR DE CURSO:

Deverá ser graduado com habilitação específica e experiência comprovada.

XIII – RECURSOS MATERIAIS

- a. **Biblioteca:** (em espaço físico adequado e relacionar os itens da bibliografia específica do curso, conter quantidade)
- b. **Laboratório:** indicar o(s) laboratório(s) de Informática e o(s) específico(s) do curso
- c. **Instalações Físicas:** indicar as outras instalações da instituição e ensino, observando os espaços (iluminação, aeração, acessibilidade) e os mobiliários adequados a cada ambiente e ao desenvolvimento do curso
- d. **Equipamentos:** relacionar os equipamentos e materiais essenciais ao curso

XIV – INDICAÇÃO DE PROFISSIONAL RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO LABORATÓRIO (quando for o caso)

Deverá ser graduado com habilitação específica.

XV – INDICAÇÃO DO COORDENADOR DE ESTÁGIO – (quando for o caso)

Deverá ser graduado com habilitação específica.

XVI – RELAÇÃO DE DOCENTES

Deverão ser graduados com habilitação e qualificação específica nas disciplinas para as quais forem indicados anexando documentação comprobatória.

XVII – CERTIFICADOS E DIPLOMAS

- **Certificação:** Não haverá certificados no Curso Técnico em Teatro, considerando que não há itinerários alternativos para qualificação.

- **Diploma:** Ao concluir o Curso Técnico em Teatro conforme organização curricular aprovada, o aluno receberá o Diploma de Técnico em Teatro.

XVIII – CÓPIA DO REGIMENTO ESCOLAR E/OU ADENDO COM O RESPECTIVO ATO DE APROVAÇÃO DO NRE

(A finalidade é constatar as normas do curso indicado no Plano)

XIX – ANUÊNCIA DO CONSELHO ESCOLAR DO ESTABELECIMENTO MANTIDO PELO PODER PÚBLICO

(Ata ou declaração com assinaturas dos membros)

XX - PLANO DE FORMAÇÃO CONTINUADA (DOCENTES)

(O estabelecimento deverá descrever o plano de formação continuada)